

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v14i32.4609>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



A APROPRIAÇÃO DE JAN PATOČKA DA FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL E MARTIN HEIDEGGER

Jan Patočka's appropriation of Edmund Husserl and Martin Heidegger's phenomenology

Renato Kirchner
PUC – Campinas, Brasil

Resumo: O artigo tem o propósito de fazer uma incursão nas obras principais do filósofo checo de Jan Patočka mais diretamente relacionadas com os fundamentos da fenomenologia, a saber: Introdução à fenomenologia e O movimento da existência humana. Considerando que nas reflexões reunidas nestas duas publicações – que em grande parte são diretamente provenientes de cursos e conferências dadas pelo autor – podemos encontrar um confronto interpretativo e apropriador dos dois principais mestres e fundadores da filosofia fenomenológica durante as primeiras décadas do século XX, nosso objetivo é selecionar, traduzir e apresentar os conceitos de Edmund Husserl e Martin Heidegger. Tendo isso em mente, nossa proposta está estruturada da seguinte maneira: Introdução; 1. O modo como Patočka apreende e entende o início da fenomenologia em Edmund Husserl; 2. A continuidade e as novidades da fenomenologia em Martin Heidegger segundo Patočka; Considerações finais.

Palavras-chave: Fenomenologia; Consciência; Ser-aí; Ser-no-mundo; Ontologia.

Abstract: The article aims to make an incursion into the main works of the Czech philosopher Jan Patočka more directly related to the foundations of phenomenology, namely: Introduction to Phenomenology and The movement of human existence. Considering that in the reflections gathered in these two publications – which in large part are directly derived from courses and conferences given by the author – we can find an interpretative and appropriating confrontation of the two main masters and founders of phenomenological philosophy during the first decades of the 20th century, our objective is to select, translate and present the concepts of Edmund Husserl and Martin Heidegger. Bearing this in mind, our proposal is structured as follows: Introduction; 1. How Patočka apprehends and understands the beginning of phenomenology in Edmund Husserl; 2. The continuity and innovations of phenomenology in Martin Heidegger according to Patočka; Final considerations.

Keywords: Phenomenology; Conscience; Being-there; Being-in-the-world; Ontology.

1. Introdução

O texto que segue é uma tentativa de acompanhar e evidenciar o modo muito peculiar como Jan Patočka (1907-1977) se apropria da fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) e de Martin Heidegger (1889-1976). Para cumprir este objetivo, nos ocuparemos com o conjunto de conferências proferidas durante o ano letivo de 1969-70 na Universidade Carolina de Praga sob o título *Introdução à fenomenologia*, publicadas no ano de 1985, e que puderam ser reconstituídas tão fielmente quanto possível graças às anotações que haviam sido feitas por alguns dos participantes. Além disso, daremos também atenção especial ao texto intitulado “O que é fenomenologia?”, reunido no livro *O movimento da*

existência humana, sendo um artigo publicado também postumamente, no ano de 1979, em língua alemã.

O curso *Introdução à fenomenologia* ministrado pelo filósofo tcheco elucida com clareza seu esforço pela atualização da fenomenologia. Nele, Patočka analisa detalhadamente os fundamentos da fenomenologia, tal como foram formulados por Husserl, e submete-os a uma crítica incisiva que o leva a se perguntar sobre as possibilidades e o significado da própria filosofia enquanto fenomenologia.

Mas, afinal, o que é fenomenologia? – pergunta-se Patočka!

A resposta leva-nos, pela aplicação de um pensamento fenomenológico, à possibilidade mais radical de pensar filosoficamente. *Patočka segue esse caminho aplicando uma crítica heideggeriana à fenomenologia de Husserl*. De fato, tudo indica que, ao aplicar radicalmente os princípios fenomenológicos, a fenomenologia deixa de ser ela mesma, pois o sujeito transcendental, centro da crítica de Patočka é, na verdade, uma construção não fenomenal. No momento em que esse sujeito deixa de reinar em sua missão objetivante – e, justamente por ser sujeito, não comunga do objetivo – a fenomenologia torna-se uma ontologia hermenêutica¹.

2. O modo como Patočka apreende e entende o início da fenomenologia em Edmund Husserl

Num dos textos referenciais de Jan Patočka, intitulado muito a propósito em forma de interrogação, isto é, “O que é fenomenologia?”, o filósofo checo afirma:

Com o início do século XX, surge uma nova filosofia que tenta pôr em prática um estilo de pensamento diferente dos que se conheciam até então. Como verdadeira filosofia, recusa-se a trabalhar no seguimento obediente das ciências particulares, dos seus métodos e dos problemas que nelas são habituais. A sua finalidade é, sobretudo, expor os preconceitos que dominam tanto na vida cotidiana como no conhecimento natural, devendo no decurso desta clarificação elaborar a sua própria abordagem metódica bem como alguns problemas originais, fundando um domínio de conhecimento inteiramente autónomo. (PATOČKA, 2004, p. 251).

Nesse sentido, um dos objetivos primordiais que Patočka se propôs em suas reflexões nos últimos anos de sua vida quanto ao seu entendimento da importância da fenomenologia foi determinar e compreender propriamente até que ponto esta “disciplina” ainda poderia ser considerada uma disciplina viva na atualidade. Para isso, analisa, em primeiro lugar, a fenomenologia de Husserl em cada um de seus dois aspectos gerais: primeiramente, no que ele desenvolveu principalmente nas *Investigações lógicas (Logische Untersuchungen)* (HUSSEL, 2014), publicadas em dois volumes entre 1900 e 1901, e que pode ser definido sucintamente como “a investigação do aparecer como tal segundo a legalidade da estrutura do discurso com sentido” (PATOČKA, 2004, p. 251); e, em segundo lugar, no que se conhece como fenomenologia transcendental, que tem sua referência nas *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica (Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie)* (HUSSEL, 2006), publicado primeiramente no ano de 1913, e com as quais Husserl procura responder à questão fundamental da fenomenologia, isto é, qual seria o horizonte em que o ser humano encontra os objetos.

Em *Introdução à fenomenologia*, Patočka expõe o esforço de Husserl em rejeitar qualquer tradição filosófica já existente e, assim, começar absolutamente desde o início,

¹ Tendo em vista que, infelizmente, ainda não temos traduções dos textos de Patočka com os quais aqui nos ocupamos, os trechos citados e comentados, a seguir, foram traduzidos por nós a partir das traduções espanholas já disponíveis e que, por sua vez, estão devidamente identificadas nas referências bibliográficas e, também, nas respectivas referências, conforme é o caso.

tal como Descartes havia se proposto no início da modernidade. E é nesse sentido que podemos ler na obra mencionada:

A fenomenologia de Husserl apresenta-se como um novo começo para a filosofia. Em outras palavras, a ideia de a filosofia começar do zero – algo que encontramos com muita frequência na história da filosofia. Por exemplo, a filosofia de Descartes, que se esforça para rejeitar qualquer tradição existente e começar absolutamente desde o início. (PATOČKA, 2005, p. 9).

Porém, segundo Patočka, em que consiste propriamente este novo começo da filosofia enquanto filosofia fenomenológica? E, além disso, ao mesmo tempo em que o filósofo checo responde a esta pergunta, acrescenta novos questionamentos, como podemos observar a seguir:

O lema essencial de Husserl soa assim: Às coisas mesmas! De volta à experiência! Husserl especifica este lema no início de todos os princípios. O princípio encontra-se no âmbito do logos, mas de modo algum no domínio dos simples significados lógicos, mas sim no domínio da dinâmica do logos, ali onde as coisas se mostram, onde, em outro momento, as coisas tornam-se fenômenos. Este é o domínio da fenomenologia.

Qual é, então, a tarefa da filosofia? Quais são as coisas para as quais se deve retornar? Ou seja, coisas naquele reino especial onde, graças à reflexão, torna-se possível encontrar a estrutura da experiência de como as coisas são descobertas. Não se pode investigar como as coisas se descobrem na facticidade contingente de sua aparência, mas sim nas estruturas fundamentais que permitem que as coisas apareçam antecipadamente como objetos de uma certa classe, de modo que as estruturas universais se deem em atos sintéticos, deem-se verdades, de modo que o mundo aparece em sua construção segundo leis. Isso é possível estudar de antemão e Husserl tem certeza disso. Essa é precisamente a tarefa da filosofia. (PATOČKA, 2005, p. 31-32).

Assim, então, se quisermos avançar filosoficamente no problema do conhecimento, devemos ter em mente – segundo Patočka – que o fenômeno que a fenomenologia tem por objeto de análise tem por princípio um modo de ser diferente do ser das coisas, ou seja, que não podemos confundir a esfera do fenômeno e do ser do fenômeno com o ser das coisas físicas. É por isso que Husserl diz que as coisas às quais nós nos voltamos apresentam-se na complexidade fenomênica de sua *doação original*, que não estamos lidando com representações ou dados atomizados como as sensações às quais o empirismo inglês quis reduzir a totalidade da experiência. A intuição – assim pensa Husserl – permite acessarmos a coisa tal como ela aparece, embora isso não signifique que a coisa apareça sempre e imediatamente como ela é originalmente e que, na maioria das vezes, tenhamos de avançar até que o dado seja propriamente alcançado. Nossa experiência estrutura-se, então, de forma teleológica, como um processo que, desde a expectativa ou mera menção anseia sempre pela realização no confronto direto com a coisa. É isso propriamente que Husserl chama de *evidência*.

Estas são algumas das estruturas da vida da experiência que se revelam quando o fenomenólogo fixa seu olhar na reflexão, à qual, segundo Husserl, acedemos por meio de certo tipo de intuição: a *categórica* e a *eidética* (cf. PATOČKA, 2005). É aqui que reside a verdadeira tarefa da filosofia, ou seja, na análise reflexiva das estruturas lógicas que permitem que as coisas apareçam como são. Assim, enquanto na experiência imediata do mundo ignoramos o que o torna possível, ou seja, “trata-se de despertar nosso pensamento do esquecimento, nossa alma e nossa vida espiritual inteira” (PATOČKA, 2005, p. 33).

Nessa perspectiva, na leitura que Patočka faz da filosofia fenomenológica de Husserl, desempenha papel fundamental a linguagem, conforme podemos ler:

Um dos pensamentos mais importantes de Husserl – o fio condutor de suas reflexões sobre o pensamento e o conhecimento humanos – é uma evidência sugerida pela linguagem e sem a qual a própria linguagem não é possível, sendo a linguagem compreendida não apenas no sentido de nossa orientação num mundo em que as coisas são imediatamente dadas, mas também num mundo em que não aparecem apenas como dado, um mundo que em sua não-presença, ou enquanto as coisas não estão presentes, entendemos de alguma maneira como presente. A linguagem só é possível pelo fato de sermos capazes de pensar a mesma coisa, quer tenhamos a coisa diante de nós em sua forma e presença concretas ou absolutamente nada. Somos capazes de comunicar nossa experiência imediata a alguém que não a tem, e isso de forma que o mesmo seja pensado, que a pessoa com quem nos comunicamos possa pensar o mesmo, seguir na mesma direção. (PATOČKA, 2005, p. 12).

Contudo, se, de um lado, os propósitos dos questionamentos e modos de operar investigativos husserlianos por uma ciência originária seriam importantes para a filosofia enquanto metafísica, de outro lado, porém, os esforços do pai da fenomenologia não se restringiriam apenas a este campo estritamente falando, razão pela qual a fenomenologia teve tantos desdobramentos e implicações no campo das ciências positivas ao longo de século XX e nas décadas iniciais do século XXI. Assim, na passagem que segue, podemos ter uma noção da envergadura do pensamento e do modo de operar fenomenológico de Husserl, segundo o entendimento de Patočka:

A pretensão da fenomenologia está baseada no fato de que as posições dogmáticas da vida cotidiana e da ciência podem ser acordadas como seu objeto. O que se diz da ciência e da vida cotidiana pode-se dizer também da própria filosofia e da própria fenomenologia. Não existe ciência absoluta. Nem a filosofia estabelece verdades eternas, cada uma de suas proposições está sujeita a revisão. Seus pressupostos também estão sujeitos ao controle do conhecimento, também podem ser fenomenalizados, também podem ser reduzidos transcendentalmente.

Este é o significado da fenomenologia. A fenomenologia não pode ser metafísica, mas é uma crítica de toda metafísica, de todos os sistemas que se construíram firmemente. Esta segunda interpretação tem algo em comum com a primeira. Mais uma vez, trata-se de despertar nossa alma de seu esquecimento e de sua tendência de considerar muitas coisas como óbvias. (PATOČKA, 2005, p. 35).

Contudo, diante dos graves problemas colocados pelo *idealismo transcendental* de Husserl, Patočka passa a expor fielmente os conceitos essenciais da ontologia de Heidegger, exposição destinada a mostrar, por fim, o horizonte da temporalidade originária de *Ser e tempo* como alternativa crítica à constituição da consciência pura. A principal problemática – afirma Patočka – em torno da qual a fenomenologia está sempre a orbitar, remonta na sua primeira formulação sistemática pelo menos a Aristóteles: “A alma é, de certo modo, todas as coisas (como aparece na *Suma teológica* de Tomás de Aquino: *anima quodmodo est omnia*)” (PATOČKA, 2004, p. 115-123)². Patočka mesmo considera que todo o texto de Edmund Husserl *A ideia da fenomenologia (Die Idee der Phänomenologie)* (HUSSERL, 1986) “parece ser uma tentativa de descobrir a verdadeira intenção da meditação cartesiana sobre a diferença real entre a alma e o corpo humano” (PATOČKA, 2004, p. 243). Segundo a interpretação realizada por Patočka da fenomenologia husserliana em sua *Introdução à fenomenologia*, podemos ler:

O Husserl tardio formulou esse pensamento, fio condutor de seus esforços filosóficos, sob o nome de “princípio de todos os princípios”: a origem de todo

² De fato, em *Ser e tempo*, ao tratar do primado ôntico da questão do ser, Heidegger cita diretamente em grego do *De anima* de Aristóteles, e comenta: “Já cedo percebeu-se o primado ôntico-ontológico do ser-aí, embora não se tenha apreendido o ser-aí em sua estrutura ontológica genuína nem se tenha problematizado o ser-aí nesse sentido. Aristóteles diz: ‘a alma (do homem) é, de certo modo, todo ente’” (HEIDEGGER, 2006, p. 50).

conhecimento e de toda verdade é a doação, e isso de tal maneira que a própria coisa é dada no original – isto é, intuição da coisa mesma. A intuição como origem de todo conhecimento originário e deve ser utilizada primeiro como é dada, e apenas dentro dos limites em que é dada.

Se formularmos a ideia fundamental da filosofia de Husserl dessa forma, notamos que nela ressoa o eco reiterativo com que comumente se caracteriza esta filosofia: uma filosofia que quer voltar às coisas mesmas como fonte da experiência das coisas. Não há princípios abstratos, nem considerações sobre as condições e possibilidades do entendimento, mas as coisas mesmas como origem, as coisas mesmas das quais obtemos toda aquisição. (PATOČKA, 2005, p. 9-10).

Tendo feito este percurso procurando os princípios e limites da fenomenologia husserliana, segundo Patočka, passaremos agora à leitura e interpretação que o filósofo checo realizou da fenomenologia heideggeriana.

3. A continuidade e as novidades da fenomenologia em Martin Heidegger, segundo Patočka

Inicialmente, quando nos aproximamos de autores como Jan Patočka, convém atentar a quais textos de Heidegger o filósofo chego teve acesso. Pois bem, entre outros textos heideggerianos que já haviam sido publicados ou mesmo que já estivessem disponíveis em outras línguas nos anos de 1960 e 1970, ou seja, no caso da leitura que Patočka fez de Heidegger naqueles anos, devemos ter presente os seguintes textos: de um lado, o tratado *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*) (HEIDEGGER, 2006), que havia sido publicado no ano de 1927, com apoio e auxílio editorial do próprio Husserl e a quem a própria obra é dedicada³; de outro lado, outro texto importante é o curso oferecido por Heidegger na Universidade de Marburgo no verão de 1927, a saber, *Os problemas fundamentais da fenomenologia* (*Die Grundprobleme der Phänomenologie*) (HEIDEGGER, 2012), mas que havia sido publicado apenas no ano de 1975, sendo, de fato, o primeiro volume a abrir a publicação da *Obra completa* (*Gesamtausgabe*) sob o número de vinte e quatro (GA 24).

Assim, embora o texto inicial a que Patočka certamente teve acesso tenha sido, principalmente, o tratado *Ser e tempo*, para nossos propósitos, porém, importante ter presente o modo restritivo com que ele apresenta algumas limitações de fenomenologia husserliana em relação à heideggeriana, conforme podemos ler no trecho a seguir:

Mas no aspecto teórico do problema do ente, o ente não pertence à filosofia, mas continua sendo objeto da ciência. Portanto, quanto a esse aspecto, o problema de Husserl ainda está em aberto, embora sua formulação deva ser alterada e seguramente aprofundada. O que essas mudanças trarão? [...] Já vimos que Husserl não pode vencer com suas próprias armas a luta contra o esvaziamento de sentido das ciências e da filosofia não científica, “visão de mundo”: sua luta na dupla frente das doenças correlatas do pensamento contemporâneo, uma vez que ambos entraram em sua fase crítica. (PATOČKA, 2004, p. 224-226).

De fato, na perspectiva interpretativa realizada por Jan Patočka do curso exatamente contemporâneo do ano em que *Ser e tempo* foi publicado, comparando os limites e os

³ Numa nota ao final do “§ 7. O método fenomenológico da investigação”, podemos ler: “Caso a investigação que haverá de seguir avance no sentido de abrir as ‘coisas elas mesmas’, o autor o deve, em primeiro lugar, a Edmund Husserl. Durante os anos de ensino em Friburgo, Husserl familiarizou o autor com as mais diferentes áreas da pesquisa fenomenológica, através de uma orientação profunda e pessoal, dando-lhe acesso, com o maior despojamento, às suas investigações ainda não publicadas” (HEIDEGGER, 2006, p. 78).

alcances entre Husserl e Heidegger, esta expressão sintetiza muita coisa: “o problema de Husserl ainda está em aberto”⁴.

Contudo, nossa atenção deve voltar-se ao modo como Patočka lê e se apropria de *Ser e tempo*. De fato, o tratado *Ser e tempo* procura analisar a realidade inegável de todo ser humano existente, que está, sempre e em todo o caso, “no mundo”. O ser-aí (*Dasein*), a existência humana, encontra-se sempre no mundo com um certo estado de espírito, com uma forma de estar “aí” no mundo: nessas formas de se encontrar, que podem ser, por exemplo, o tédio, a angústia ou a felicidade, manifestando-se a totalidade dos seres, não como uma soma explícita de coisas, mas como uma espécie de relação original e fundamental. Essa relação não é em primeiro lugar uma síntese objetivante como em Husserl, mas uma experiência prática daquilo que nos cerca.

É por isso que Heidegger não pode mais conceber o fenômeno como um ser isolado na consciência, pois a intencionalidade tal como Husserl a concebia é apenas uma relação “entre outras”. O caráter já nos proporciona uma compreensão de nós mesmos e do mundo antes de qualquer tipo de formulação teórica, dota-nos de uma lucidez que prescreve o projeto de nossa compreensão, que sempre se move no terreno da facticidade, do que pode ser usado, do que está à mão no mundo na forma de possibilidades.

Com efeito, as coisas vêm então ao nosso encontro como possibilidades, apelam a um modo de compreensão que é por princípio inautêntico, ou seja, nos chamam a compreender o ser dessas mesmas coisas e o nosso ser apenas a partir do que nos é dado de fora. Assim, se, por outro lado, depois de ceder às possibilidades do mundo em que estamos lançados e do qual nos ocupamos, nós as compreendemos a partir do caráter de nosso “ser-no-mundo”, um ser que pelo caminho tem uma estrutura temporal que se define por um primordial “ser-para-a-morte” como a possibilidade mais própria e intransferível, então, pode-se dizer que nossa compreensão, articulada segundo a perspectiva de Heidegger pelo existencial da fala, é autêntica. Tal modo de compreensão só se deixa envolver pela angústia, sendo uma ressonância da filosofia existencial de Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) com a qual, segundo Patočka, Heidegger nunca chega a acertar totalmente suas contas⁵.

Esse estado de espírito em que se revela nossa insuficiência e culpa originais é sempre uma possibilidade aberta para o ser-aí decaído na dispersão da vida cotidiana, desintegrado na impessoalidade por ter esquecido seu “estado de projeto” original. A consciência moral impele o ser-aí a aproveitar essa possibilidade, a existir segundo sua própria possibilidade, a avançar. Assim, tanto nas formas de ser autênticas quanto nas inautênticas, o ser-aí existe orientado para o futuro. A diferença é que, no primeiro caso, a consciência do meu ser como “ser-para-a-morte” ilumina toda a estrutura temporal da cura, enquanto na existência desintegrada estou sempre esperando o que me vem de fora, medindo essa espera com o tempo natural do relógio e, assim, ocultando meu “ser futuro” original. O que aparece é, portanto, sempre dado no horizonte de um determinado momento do tempo.

É nesse sentido que podemos ler a passagem, a seguir, do curso Introdução à fenomenologia de Patočka:

⁴ Nesse sentido, em outras passagens, referindo-se ao curso de 1927, Patočka escreve: “Nesse ponto, pode-se perguntar também por que Heidegger não empreende então uma polêmica explícita com a *epoché* e a redução, em vez de seguir esse caminho indireto e difícil de esclarecer. A resposta está contida em parte, creio eu, no curso de Heidegger *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. [...] Isso nos leva aos três elementos fundamentais do método fenomenológico, conforme distinguido por Heidegger em *Os problemas fundamentais da fenomenologia*, § 5: redução, construção, destruição. A ordem da série é diferente neste lugar, mas o significado é essencialmente o mesmo (PATOČKA, 2004, respectivamente p. 276 e 224). Infelizmente, não faz parte de nosso escopo analisar os limites e alcances entre Husserl e Heidegger neste artigo, mesmo nos atendo à leitura e interpretação realizadas pelo filósofo checo, mas as análises interpretativas dele são muito claros e contundentes, razão pela qual merecem ainda e sempre novas leituras mais cuidadosas.

⁵ Importante ter presente que, desde o início de seu percurso acadêmico, Heidegger deparou-se com diversos filósofos entre os quais está, sem dúvida, também Søren Aabye Kierkegaard, o qual é citado tanto em *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2006, p. 257, 308 e 424), quanto em *Os problemas fundamentais da fenomenologia* (HEIDEGGER, 2012, p. 418).

A totalidade de nosso ser-no-mundo significa que nosso ser, no âmago de sua autocompreensão, conhece sua própria finitude. Ao se colocar diante de si mesmo, ele reconhece sua finitude. O que dá gravidade à nossa vida no mundo? O fato de estarmos entrando em algo que caminha inexoravelmente para o seu fim, que é um ser rumo ao seu fim, estar a caminho da morte. (PATOČKA, 2005, p. 194).

Como é sabido, a existência, a rigor, é um a *priori*, razão pela qual Heidegger denomina-a de *essência do próprio ser-aí*. Contudo, para chegar neste conceito tão primordial segundo a conceituação heideggeriana e à qual o filósofo checo está indiscutivelmente atento, temos de considerar a estrutura tríplice “ser-no-mundo”, mas sobretudo, o modo muito particular como há de se tomar e entender existencialmente o conceito “mundo”.

De fato, no segundo capítulo de *Ser e tempo*, intitulado “O ser-no-mundo em geral como constituição fundamental do ser-aí”, Heidegger dá uma indicação que nos permite compreender o modo fundamental de relacionar-se e comportar-se deste ente com o qual a analítica existencial irá ocupar-se do início ao fim. Esta indicação encontra-se no § 12 de *Ser e tempo*:

A expressão “sou” conecta-se a “junto”; “eu sou” diz, por sua vez, eu moro, me detenho junto... (*halte mich auf bei...*) ao mundo, como alguma coisa que, deste ou daquele modo, me é familiar. Como infinitivo de “eu sou”, isto é, como existencial, ser significa morar junto a, ser familiar com. *O ser-em é, pois, a expressão formal e existencial do ser do ser-aí que possui a constituição essencial de ser-no-mundo.* (HEIDEGGER, 2006, p. 100).

Vê-se aqui uma primeira delimitação do existencial ser-em. Segundo Heidegger, na usual expressão “eu sou” já está contida uma das ideias centrais perseguidas ao longo da analítica existencial. No contexto onde esta passagem se encontra, o “eu sou” (“*ich bin*”) diz: “eu moro, me detenho junto... ao mundo” (“*ich wohne, halte mich auf bei... der Welt*”). Ao lado de verbos como *wohnen*, por exemplo, Heidegger dá um privilégio todo especial a *sich aufhalten*. Pois, além de expressar “morar”, “habitar”, esta palavra diz também, *abertura de sentido*.

No entanto, Patočka pergunta-se se essas são as únicas formas pelas quais a temporalidade se temporiza, se não é necessário levá-la a outras dimensões, a outros fenômenos que não podem ser classificados nas duas formas gerais de existência segundo Heidegger. Além disso, e naquela que é a nota crítica mais abrangente que Patočka faz à temporalidade heideggeriana, ele se pergunta: como se relaciona a temporalidade com a fenomenologia como ciência do aparecer e do desvelar, da qual Heidegger tanto se apropriou em seus primeiros anos como fenomenólogo? Jan Patočka foi um dos principais representantes da fenomenologia, sendo que, com suas abordagens se posiciona não só depois, mas para além de Husserl e Heidegger. Patočka analisa detalhadamente os fundamentos da fenomenologia, tal como foram formulados por Husserl, e os submete a uma crítica contundente que o leva a se perguntar sobre as possibilidades e o significado da própria filosofia. A resposta nos leva, pela aplicação do pensamento fenomenológico, à possibilidade mais radical de pensar filosoficamente. Patočka segue esse caminho aplicando uma crítica heideggeriana à fenomenologia de Husserl. Assim, ao aplicar radicalmente os princípios fenomenológicos à própria fenomenologia, a fenomenologia deixa de ser ela mesma, pois o sujeito transcendental – centro da crítica de Patočka – é na verdade uma construção não fenomenal. No momento em que esse sujeito deixa de reinar em seu empenho objetivante – pois, por ser justamente sujeito, não comunga do objetivo –, a fenomenologia torna-se uma ontologia hermenêutica.

Não surpreende que Patočka – no texto intitulado “O que é fenomenologia?” (PATOČKA, 2004, p. 256) – dialogando diretamente com Husserl e Heidegger, cite passagens decisivas do § 7 (“O método fenomenológico da investigação”) de *Ser e tempo*, sendo que aqui, pela mesma razão, preferimos reproduz na íntegra, como segue:

O termo “fenomenologia” não evoca o objeto de suas pesquisas nem caracteriza o seu conteúdo quididativo. A palavra se refere exclusivamente ao modo *como* se demonstra e se trata *o que* nesta ciência deve ser tratado. Ciência “dos” fenômenos significa: apreender os objetos *de tal maneira* que se deve tratar de tudo que está em discussão, numa demonstração e procedimento diretos.

A fenomenologia é a via de acesso e o modo de comprovação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. *Ontologia só é possível como fenomenologia*. O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados. Pois, o mostrar-se não é um mostrar-se qualquer e, muito menos, uma manifestação. O ser dos entes nunca pode ser uma coisa “atrás” da qual esteja outra coisa “que não se manifesta”.

“Atrás” dos fenômenos da fenomenologia não há absolutamente nada. Contudo, aquilo que deve tornar-se fenômeno pode velar-se. A fenomenologia é necessária justamente porque, numa primeira aproximação e na maioria das vezes, os fenômenos *não* estão dados. O conceito oposto de “fenômeno” é o conceito de encobrimento.

Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas distintas da filosofia ao lado de outras. Ambas caracterizam a própria filosofia em seu objeto e em seu modo de tratar. A filosofia é uma ontologia fenomenológica e universal que parte da hermenêutica do ser-aí, a qual, enquanto analítica da *existência*, amarra o fio de todo questionamento filosófico no lugar de onde ele *brot*a e para onde *retorna*.

As investigações que se seguem tornaram-se possíveis apenas sobre o solo estabelecido por Edmund Husserl, cujas *Investigações lógicas* fizeram nascer a fenomenologia. As explicitações do conceito preliminar de fenomenologia demonstraram que o que ela possui de essencial não é ser uma “corrente” filosófica *real*. Mais elevada do que a realidade está a *possibilidade*. A compreensão da fenomenologia depende unicamente de se apreendê-la como possibilidade. (HEIDEGGER, 2006, p. 74-78).

4. Considerações finais

A modo de considerações finais, tendo em vista que em perspectiva fenomenológica sempre operamos dentro de limites de tempo e espaço humanamente já dados e disponíveis, convém ter presente a forma com o próprio Jan Patočka se refere reflexivamente ao mesmo tempo quanto à relação e à importância que Husserl e Heidegger tiveram para ele, mesmo no texto “O que é fenomenologia?”, publicado postumamente no ano de 1979⁶, portanto, dois anos após sua morte:

Restaria ainda tratar brevemente, e numa descrição positiva, a questão do que a fenomenologia significa *para nós*, do que é que a coloca na situação singular que ela tem no pensamento da atualidade. A fenomenologia não é uma filosofia escolar dedicada ao cultivo de uma tradição acadêmica; nem é uma filosofia que quer afirmar a sua vitalidade contribuindo para mudar o mundo – ou seja, não é uma filosofia revolucionária nem ambiciosa sê-lo. É antes meditação, e meditação precisamente sobre a crise. Uma vez que pretende desvendar as raízes da ciência positiva e da cientificidade em geral, a fenomenologia tem de investigar a crise da humanidade até às suas origens últimas. E isso implica um retorno radical às origens, um compromisso com a ausência de preconceitos que deve eliminar também os preconceitos científico-positivos. Neste radicalismo, a fenomenologia

⁶“O que é fenomenologia?” foi redigido em alemão e publicado originalmente em *Reason, Action and Experience. Essays in Honor of Raymond Klibansky*, Hamburgo, Meiner, 1979. Uma segunda versão com leves variações, a que se atém a edição da Klett-Cotta, apareceu em *Tijdschrift voor filosofie* XLIV 4 (1982) (PATOČKA, 2004, p. 282).

não tem igual, e avança em caminho contrário àquele que, com engenhosidade despercebida, trilha sobre todas as outras ciências e filosofias. As descobertas que lhe são oferecidas neste caminho são múltiplas, mas há uma de particular importância, e para a qual trabalharam juntos os dois mestres regentes, Husserl e Heidegger. É a descoberta do cartesianismo essencial do nosso tempo como um todo, entendendo por cartesianismo – para usar a terminologia heideggeriana – o conjunto de consequências ônticas da abordagem ontológica do dualismo das substâncias, ou seja, da teoria das duas maneiras cósmicas de ser. O esforço de contrapor a este conceito fundamental da modernidade, posto assim a descoberto, outro caminho, um caminho *que se procura...*, é isso a fenomenologia” (PATOČKA, 2004, p. 279, destaques no original).

Importante, assim, parece-nos, atentar muito cuidadosa e atentamente para os dois grifos presentes nesta citação, ou seja: de um lado, o “para nós”, isto é, primeira e muito particularmente ao próprio Patočka, contudo, como está no plural podemos com toda naturalidade, com toda tranquilidade, assumir para qualquer um de nós nos dias atuais, estando cerca de meio séculos distantes do filósofo chego e cerca de cem anos ou mais distantes do Husserl e Heidegger, os quais, aliás, aparecem destacados, lado a lado, na mesma passagem; de outro lado, muito notoriamente o texto é encerrado num particular acento na expressão “que se procura”, ou seja, em toda e qualquer procura enquanto questionamento *algo* é procurado e isso sempre se dá num percurso, num caminho, sendo todo e qualquer caminho apenas um caminho. Contudo, sabe do caminho quem é capaz de percorrê-lo.

Enfim, num texto que se tornou clássico nos últimos anos aos que têm tomado conhecimento das ideias de Jan Patočka – *Ensaio herético sobre filosofia da história* –, embora a preocupação conceitual quanto aos princípios da fenomenologia a todo momento esteja sendo “apenas” operados ou operacionalizados, lá pelas tantas, nos deparamos com esta passagem emblemática: “O que significa ‘fenômeno’? Fenômeno é o que vemos, o que está aqui em nossa experiência. É o que ‘se mostra’ dentro dos limites de como se mostra. [...] Portanto, devemos dirigir um pouco nossa atenção para a fenomenologia e nos ocupar brevemente dela. (PATOČKA, 2016, p. 143).

Referências

- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Bragança Paulista: Edusf; Petrópolis: Vozes, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- PATOČKA, Jan. *Introducción a la fenomenologia*. Madrid: Herder, 2005.
- PATOČKA, Jan. *El movimiento de la existencia humana*. Madrid: Encuentro, 2004.
- PATOČKA, Jan. *Ensayos heréticos sobre filosofía de la historia*. Madrid: Encuentro, 2016.

Doutor em Filosofia (UFRJ)
Professor do Departamento de Filosofia (PUCCAMP)
Professor do PPG Ciências da Religião (PUCCAMP)
E-mail: renatokirchner00@gmail.com